

A REPRESENTAÇÃO FEMININA CELEBRADA NO CÂNTICO DO REI SALOMÃO

*THE FEMININE REPRESENTATION CELEBRATED IN THE SONG OF KING
SALOMON*

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo¹

Juliana Alves da Silva²

Resumo: O presente artigo propõe uma análise literária de um dos textos contidos no capítulo 7 do livro bíblico *Cântico dos Cânticos*, atribuído ao rei Salomão, intitulado *A esposa finge indiferença pelo esposo, mas segue-o imediatamente, busca-o e reconcilia-se com ele*, com foco na representação da mulher como conteúdo inspiracional na narrativa poética. Além disso, este estudo buscou investigar o contexto sociocultural sob o qual viviam as mulheres na época em que o texto foi concebido. Desse modo, o objetivo geral deste estudo é identificar de que maneira o *corpus* valoriza a representação da mulher e a protagoniza. Para tanto, esta pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva, interpretativa e bibliográfica, cujas fontes teóricas se basearam nos estudos de Amora (1971), Maingueneau (1996), Andrade (2001), Paula (2012), Banzoli (2023), dentre outros. Os resultados evidenciaram que, ao contrário de outras tradições presentes em obras literárias do mundo antigo, as composições do rei Salomão se apresentam como revolucionárias, uma vez que, diferentemente dos outros escritos que eram fortemente marcados pelos ideais patriarcais que intensificavam, ainda mais, as práticas de misoginia contra a mulher entre os povos daquele tempo, o rei Salomão exaltou, concedeu voz e desejos próprios à mulher, a ponto de torná-la protagonista da narrativa.

Palavras-chave: *Cântico dos Cânticos*. Mulheres. Misoginia.

Abstract: This article proposes a literary analysis of one of the texts contained in chapter 7 of the biblical book *Song of Songs*, attributed to King Solomon, entitled *The wife feigns indifference to her husband, but immediately follows him, seeks him, and reconciliates with him*, focusing on the representation of women as inspirational content in poetic narrative. In addition, this study sought to investigate the sociocultural context in which women lived at the time the text was conceived. Thus, the overall objective of this study is to identify how the *corpus* values the representation of women and gives them a leading role. To this end, this research is qualitative, descriptive, interpretative, and bibliographic in nature, with theoretical sources based on studies by Amora (1971), Maingueneau (1996), Andrade (2001), Paula (2012), Banzoli (2023), among others. The results exposed that, unlike other traditions present in literary works from the ancient world, King Solomon's compositions are revolutionary, since, unlike other writings that were strongly marked by patriarchal ideals that further intensified misogynistic practices against women among the peoples of that time, King

¹Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) e professor colaborador do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Petrolina. ferdinando.oliveira@ifsertao-pe.edu.br / <https://orcid.org/0000-0002-5546-8650>.

²Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade de Pernambuco (UPE). jusany1@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-3571-106X>

Solomon exalted women, granting them their own voice and desires, to the point of making them the protagonists of the narrative.

Keywords: Song of Songs. Women. Misogyny.

Introdução

No Antigo Oriente Próximo, viveu um rei chamado Salomão. Segundo Furuta e Rodrigues (2017), o monarca, que viveu no século X a.C., governou Israel por quarenta anos e escreveu cerca de mil cânticos e três mil provérbios, voltados à reflexão sobre a natureza humana. Além disso, compôs textos de caráter lírico e erótico centrados na relação amorosa entre homem e mulher.

De igual modo, Silva (2015) afirma que Salomão representa um símbolo de um passado glorioso e lendário entre os povos, associado a um reinado marcado pela estabilidade, fama e riqueza. Nesse contexto, a literatura atribuída ao rei constitui uma importante fonte para a compreensão de aspectos culturais e simbólicos das sociedades antigas. Seus escritos permanecem relevantes para análises literárias ao longo dos séculos.

Dessa forma, este estudo propõe analisar um trecho do capítulo 7 do livro *Cântico dos Cânticos*, intitulado *A esposa finge indiferença pelo esposo, mas segue-o imediatamente, busca-o e reconcilia-se com ele*, com o objetivo de identificar de que maneira a sequência do cântico representa e protagoniza a figura feminina. Busca-se, ainda, investigar a presença do discurso feminino na obra, os significados implícitos nas metáforas utilizadas para descrever a mulher, os traços de personalidade construídos pelas vozes masculina e feminina e a sensibilidade poética presente no texto.

Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, descritiva, interpretativa e bibliográfica, voltada à análise da representação feminina na obra e das construções simbólicas presentes no texto. A pesquisa buscou compreender como os elementos poéticos, discursivos e culturais contribuem para a constituição da figura feminina no *Cântico dos Cânticos*, considerando tanto o contexto histórico quanto os aspectos literários da narrativa. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Amora (1971), Maingueneau (1996), Andrade (2001), Paula (2012) e Banzoli (2023), além de dicionários, obras de referência e artigos acadêmicos. Esses aportes teóricos possibilitaram discutir questões relacionadas ao discurso, à linguagem poética e à representação da mulher na literatura, contribuindo para uma análise crítica e contextualizada da obra.

A metodologia articula elementos literários, históricos e de gênero, permitindo discutir a representação da mulher no contexto da tradição bíblica. Nesse sentido, a leitura proposta concentra-se no papel feminino em textos literários e em sua relação com o contexto histórico de produção da obra. Observa-se que a representação da mulher pode refletir tanto aspectos das estruturas sociais quanto construções simbólicas e poéticas próprias de cada período.

Assim, a imagem feminina aparece de forma recorrente na tradição literária, frequentemente construída a partir do olhar masculino. Sua representação, elaborada por meio de recursos metafóricos, evidencia tanto os limites sociais impostos às mulheres quanto os processos simbólicos e imaginativos que marcaram diferentes épocas.

Literatura como manifestação estética e cultural

O modo como a literatura é estudada e interpretada varia conforme o contexto histórico e as correntes estéticas de cada período. Nesse sentido, Paula (2012, p. 68) afirma que “os estudos literários, em qualquer época, estão sempre intimamente correlacionados com as correntes estéticas de produção literária do seu tempo”. Assim, a produção literária mantém relação direta com os valores culturais, sociais e históricos do contexto em que é elaborada. Dessa forma, as transformações ocorridas na sociedade também influenciam as formas de leitura, análise e interpretação das obras literárias ao longo do tempo.

A criação literária também se insere no conjunto das manifestações culturais, uma vez que as experiências e produções humanas são mediadas pela linguagem (Paula, 2012). Entretanto, nem toda manifestação linguística constitui um fenômeno literário. A literatura distingue-se pelo uso estético e simbólico da linguagem, ultrapassando a função comunicativa e abrindo espaço para múltiplas interpretações. Nesse sentido, o texto literário mobiliza recursos expressivos capazes de produzir sentidos que vão além da objetividade presente em outras formas de discurso.

Nessa perspectiva, Amora (1971, p. 50) destaca que “uma obra transmite ao leitor uma concepção da realidade, subjetiva e física (percebida pelos sentidos). Nela, um poeta lírico confessa seu amor, expressa uma concepção da realidade de seu estado passional”. Desse modo, a obra literária articula elementos da realidade objetiva e da experiência subjetiva do autor. Por isso, “uma obra literária apresenta-se a nós, em princípio, como uma realidade concreta [...], mas essa realidade é apenas a forma da obra [...] aquilo que ela expressa é uma

realidade abstrata” (Amora, 1971, p. 57). Assim, a obra não apenas representa a realidade, mas também constrói sentidos simbólicos e subjetivos relacionados à experiência humana.

Além disso, a literatura frequentemente exige do leitor um processo interpretativo que ultrapassa o sentido imediato das palavras. Para Maingueneau (1996, p. 149), “o texto funciona como um vasto ato de linguagem indireta que exige do destinatário o trabalho de derivação de sentido escondido”. Assim, o texto pode apresentar diferentes camadas de significado e mobilizar aspectos diversos da experiência humana. O autor acrescenta que “o texto pode atuar em dois planos simultaneamente, reativando todos humanistas: [...] homem, natureza, espírito, corpo e alma. Legitima-se como obra total [...]” (Maingueneau, 1996, p. 149). Dessa maneira, a leitura literária demanda participação ativa do leitor na construção dos sentidos presentes na obra.

A condição da mulher no mundo antigo: entre códigos, culturas e escritas

Nesta pesquisa, torna-se necessário compreender o contexto sociocultural em que os textos atribuídos a Salomão foram produzidos, marcado por estruturas patriarcais presentes nas sociedades do Antigo Oriente Próximo. Nesse sentido, Banzoli (2023) apresenta diferentes códigos jurídicos que regulavam a posição social da mulher em civilizações antigas, como os códigos de Urukagina, Hamurabi, Ur-Namu, Assura, além das leis do Egito Antigo e do Império Persa. A análise desses sistemas legais contribui para compreender as formas de organização social e as concepções sobre a mulher que circulavam no período. Considerando a localização geográfica de Israel e suas relações políticas e culturais com povos vizinhos, é possível identificar influências dessas tradições jurídicas na sociedade israelita da época. Assim, o contexto histórico em que Salomão viveu permite compreender melhor as representações femininas presentes em seus escritos.

Dessa forma, considera-se que o Código de Assura e as leis do Egito Antigo estavam entre os sistemas jurídicos mais próximos da realidade cultural de Israel no período salomônico. A Assíria localizava-se ao norte do território israelita, enquanto o Egito mantinha relações diplomáticas e políticas com Israel, aspecto evidenciado pelo casamento de Salomão com uma filha do faraó, conforme relatado no *Primeiro Livro de Reis* (Bíblia, 2017). Nesse cenário, observa-se a existência de intercâmbios culturais e políticos entre essas civilizações. Tais relações favoreciam a circulação de costumes, valores e concepções sociais, inclusive

aquelas relacionadas ao papel da mulher. Por essa razão, o estudo desses códigos legais auxilia na compreensão do ambiente cultural em que os textos bíblicos foram produzidos.

Nesse contexto, Banzoli (2023, p. 60) afirma que “Assíria e Babilônia eram duas das civilizações mais misóginas da época, onde as mulheres tinham menos direitos e eram tratadas da forma mais cruel”. O autor destaca que o Código de Assura previa punições severas direcionadas às mulheres, incluindo espancamento, mutilação e pena de morte. Esses aspectos demonstram a desigualdade presente na estrutura jurídica dessas sociedades e evidenciam o controle exercido sobre o corpo e o comportamento feminino. A legislação antiga, nesse sentido, funcionava como instrumento de manutenção das hierarquias sociais e de consolidação da autoridade masculina. Assim, a condição feminina era frequentemente marcada pela submissão e pela limitação de direitos civis e sociais.

No caso do Antigo Egito, Banzoli (2023, p. 35) observa que “até 1822, o próprio idioma egípcio era indecifrável”. Em sua análise, o autor aponta diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito às obrigações familiares, ao vestuário e às punições aplicadas em situações de adultério. As mulheres, por exemplo, estavam sujeitas a penalidades corporais e a rituais públicos que reforçavam práticas de humilhação e exposição. Esses elementos revelam mecanismos de controle social direcionados ao feminino e demonstram como as normas culturais regulavam a vida das mulheres em diferentes dimensões. Dessa maneira, o contexto egípcio também evidencia a presença de relações sociais fundamentadas na desigualdade de gênero.

Esse tratamento desigual dispensado às mulheres ao longo da história dialoga com concepções filosóficas e intelectuais desenvolvidas em diferentes períodos. Fonseca (2013), ao analisar obras de Aristóteles, como *A História dos Animais* e *Geração dos Animais*, destaca que o filósofo contribuiu para a consolidação de ideias que inferiorizavam a mulher. Segundo o autor, essas concepções influenciaram pensadores posteriores, como Santo Anselmo e São Tomás de Aquino, tornando-se referências importantes na tradição medieval. Assim, determinados discursos filosóficos passaram a legitimar a exclusão feminina da vida intelectual e pública. A construção dessas ideias demonstra que a marginalização da mulher não se restringia às práticas sociais, mas também era sustentada por argumentos teóricos e culturais.

Nesse sentido, Fonseca (2013, p. 76) afirma que “Aristóteles havia estabelecido para o corpo feminino, como uma espécie de corpo masculino deformado, ou cuja finalidade procriadora teria sido distorcida”. Conforme a interpretação apresentada pelo autor, a mulher era vista, na perspectiva aristotélica, principalmente como responsável pela reprodução, enquanto o homem ocuparia a posição de princípio ativo e formador. Essas concepções

contribuíram para consolidar visões hierárquicas entre os sexos ao longo da história ocidental. Além disso, reforçaram discursos que limitavam a participação feminina em diferentes espaços sociais e intelectuais. Desse modo, a inferiorização da mulher foi frequentemente legitimada por interpretações filosóficas e culturais amplamente difundidas.

Além da exclusão social, é importante considerar também as limitações relacionadas ao acesso feminino à escrita e à educação nas sociedades antigas. Bernabé-Sánchez e Pozzer (2023, p. 09) observam que “existem poucas evidências materiais, textuais [...] de mulheres na antiga Mesopotâmia, com exceção a representação de divindades femininas e integrantes da elite [...] como esposas dos *ensi* (governadores) ou altas sacerdotisas”. A partir dessa constatação, percebe-se que os registros escritos produzidos por mulheres eram restritos a grupos privilegiados. Mulheres pertencentes às classes populares dificilmente tinham acesso à alfabetização ou aos espaços formais de produção intelectual. Assim, a escrita configurava-se como um privilégio associado às elites políticas e religiosas da época.

A dificuldade de acesso feminino à educação também pode ser observada em períodos posteriores. Banzoli (2023, p. 333) afirma que “a mulher medieval não podia ter cargo público ou servir como comandante militar, advogado ou juiz, sob a justificativa de que as mulheres eram por natureza frívolas, ardilosas, avarentas e de inteligência limitada”. Esse cenário evidencia a permanência de discursos que associavam a mulher à incapacidade intelectual e justificavam sua exclusão dos espaços públicos. A limitação do acesso à educação e à escrita fazia parte de uma estrutura social mais ampla, baseada na desigualdade entre homens e mulheres. Dessa maneira, a marginalização feminina também se manifestava na restrição ao conhecimento e à produção cultural.

A partir dessas considerações, torna-se possível compreender que a exclusão feminina da escrita e da educação não era um fenômeno isolado, mas parte de uma estrutura histórica de desvalorização social da mulher. Nesse sentido, Banzoli (2023, p. 277) afirma que “a mulher não tinha preço de honra, o que a igualava aos grupos mais excluídos da sociedade – aqueles que não tinham direito à opinião pessoal nem podiam seguir suas próprias vontades”. Tal condição evidencia a ausência de autonomia feminina em diferentes esferas da vida social. Além disso, demonstra que a limitação do acesso ao conhecimento estava diretamente ligada às formas de organização das sociedades patriarcais antigas. Assim, a exclusão intelectual feminina aparece como consequência das estruturas sociais que restringiam sua participação pública e cultural.

Apesar desse contexto predominante, algumas exceções femininas aparecem registradas na história antiga. Um exemplo é Enheduanna (2286 a.C – 2251 a.C), considerada

uma das primeiras autoras identificadas da Mesopotâmia. Segundo Bernabé-Sánchez e Pozzer (2023), a princesa era filha do rei Sargão e exercia funções religiosas como sacerdotisa, além de produzir composições literárias em escrita cuneiforme. Seu reconhecimento histórico está associado à preservação de hinos e inscrições atribuídos à sua autoria. Provavelmente, sua alfabetização ocorreu em escolas destinadas à formação de escribas, espaço geralmente restrito a grupos privilegiados. Dessa forma, sua trajetória evidencia que o acesso feminino à escrita existia de maneira excepcional e vinculada às elites políticas e religiosas.

Ao viver na antiga Mesopotâmia, Enheduanna estava inserida em uma sociedade regulada pelo código de Ur-Namu. Ainda que desfrutasse de privilégios por pertencer à família real, sua produção literária permanecia ligada às funções religiosas que exercia. Seus textos eram dedicados principalmente às divindades cultuadas pelos povos mesopotâmicos, refletindo a influência da religião sobre a escrita da época. Assim, sua atuação intelectual estava diretamente condicionada pela posição social e religiosa que ocupava. Mesmo sendo uma figura singular na história antiga, sua experiência não representava a realidade da maioria das mulheres daquele período. Portanto, a escrita feminina continuava sendo limitada e fortemente vinculada às estruturas de poder vigentes.

Segundo informações divulgadas pela *National Geographic Portugal* (2025), o rei Sargão nomeou Enheduanna como sacerdotisa do deus lunar Nanna na cidade de Ur. Posteriormente, ela passou a ser reverenciada como figura religiosa de destaque e tornou-se conhecida por suas composições dedicadas à deusa Ishtar. Esse reconhecimento reforça sua importância histórica como autora identificada na tradição mesopotâmica. Contudo, sua produção literária estava relacionada às funções religiosas desempenhadas dentro da estrutura política do período. Assim, observa-se que sua escrita não se desvinculava das instituições de poder e das práticas culturais predominantes. A atuação de Enheduanna evidencia, portanto, os limites e possibilidades da presença feminina no campo intelectual antigo.

Em contrapartida, os escritos atribuídos a Salomão apresentam maior diversidade temática e liberdade poética quando comparados a outras produções do mundo antigo. Em Israel, o sistema jurídico baseado na Torá estabelecia normas que, embora inseridas em um contexto patriarcal, ofereciam determinadas garantias legais às mulheres. Banzoli (2023) destaca, por exemplo, que o código de Ur-Namu previa que mulheres acusadas de adultério fossem submetidas à chamada provação do rio, mesmo sem provas concretas. Caso sobrevivessem ao ritual, eram consideradas inocentes; caso contrário, a morte era interpretada como confirmação da culpa. Essas práticas revelam formas extremas de punição dirigidas às mulheres e contrastam com aspectos presentes na legislação israelita. Dessa forma, percebe-se

que as leis hebraicas apresentavam diferenças em relação a outros códigos do Antigo Oriente Próximo.

Ao contrário de sistemas jurídicos mais severos, a legislação israelita estabelecia procedimentos distintos para casos de suspeita de adultério. Conforme descrito no *Livro de Números* (Bíblia, 2017), a mulher era submetida ao ritual das águas amargas, permanecendo sob julgamento divino após ingerir uma mistura preparada pelo sacerdote. Segundo o texto bíblico, caso fosse culpada, sofreria consequências relacionadas à infertilidade; se inocente, poderia gerar filhos normalmente. Ainda que esse ritual também esteja inserido em uma lógica patriarcal, ele demonstra diferenças em relação às punições físicas extremas presentes em outros códigos antigos. Assim, a Torá representava, em determinados aspectos, um modelo jurídico menos violento quando comparado às legislações vizinhas. Contudo, permanecia vinculada às estruturas culturais e sociais do mundo antigo.

Destaca-se, ainda, que a Torá surgiu em um contexto marcado por legislações severas e práticas sociais profundamente patriarcais. Nesse cenário, alguns textos atribuídos a Salomão apresentam referências positivas à figura feminina, especialmente no *Livro de Provérbios*. O autor escreve: “Uma mulher exemplar, feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa do que os rubis” (Bíblia, 2017, Pv 31, 10), além de afirmar: “como navios mercantes, ela traz de longe as suas provisões [...] Ela avalia um campo e compra, com o que ganha planta uma vinha” (Bíblia, 2017, Pv 31, 14-16). Esses trechos atribuem valor à mulher e descrevem sua participação em atividades econômicas e familiares. Desse modo, observa-se que, mesmo inserido em uma sociedade patriarcal, o texto bíblico apresenta elementos que reconhecem determinadas capacidades e atribuições femininas. Tal aspecto contribui para compreender a representação da mulher nos escritos analisados neste estudo.

A representação feminina em A esposa finge indiferença pelo esposo, mas segue-o imediatamente, busca-o e reconcilia-se com ele

O texto em análise integra uma composição poética marcada pelo uso de metáforas, comparações e imagens sensoriais relacionadas à experiência amorosa. Ao longo do cântico, a figura feminina ocupa posição central na construção do discurso poético, sendo representada de forma ativa na relação estabelecida com o amado. Esse aspecto se destaca quando considerado o contexto histórico e cultural em que a obra foi produzida, marcado por estruturas patriarcais predominantes. Assim, o texto evidencia uma representação feminina que ultrapassa

a condição de simples objeto de contemplação e participa diretamente da dinâmica do poema. Dessa maneira, o capítulo contribui para compreender como a mulher é construída simbolicamente dentro da tradição poética bíblica.

Em um primeiro momento, a análise do capítulo permitiu observar que os versos não apresentam estrutura isométrica, isto é, não seguem uma métrica fixa e regular. A obra se desenvolve em uma composição de caráter livre, aspecto perceptível na tradução realizada por João Ferreira de Almeida (2017). Entretanto, é importante considerar que essa observação está relacionada à versão traduzida do texto bíblico, não sendo possível afirmar que a estrutura corresponde integralmente à forma original da obra em hebraico. Questões relacionadas à métrica e à organização poética podem sofrer alterações em função do processo tradutório e das escolhas linguísticas realizadas pelo tradutor. Ainda assim, a tradução preserva elementos fundamentais da poeticidade do texto, especialmente o uso de imagens simbólicas e recursos de repetição. Desse modo, mesmo sem obedecer a uma métrica rígida, o cântico mantém características que reforçam sua dimensão poética e literária. Segue-se o texto:

Quão formosos são os teus pés nas sandálias, ó filha de príncipe! Os contornos das tuas coxas são como joias, obra das mãos de artista.
O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre como montão de trigo, cercado de lírios.
Os teus seios são como dois gêmeos da gazela.
O teu pescoço é como a torre de marfim; os teus olhos como as piscinas de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim; o teu nariz é como torre do Líbano, que olha para Damasco.
A tua cabeça sobre ti é como o monte de Carmelo, e os cabelos da tua cabeça como a púrpura; o rei está preso pelas tuas tranças.
Quão formosa, e quão apazível és, ó amor em delícias!
Essa tua estatura é semelhante à palmeira, e os teus aos cachos de uvas. 8
Disse eu: Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos; então sejam os teus seios como os cachos de vide, e o cheiro do teu fôlego como o das maçãs,
e os teus beijos como o bom vinho para o meu amado, que se bebe suavemente, e se escoia pelos lábios e dentes.
Eu sou do meu amado, e o seu amor é por mim.
Vem, ó amado meu, saiamos do campo, passemos as noites nas aldeias.
Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se florescem as vides, se estão abertas as suas flores, e se as romanzeiras já estão em flor; ali te darei o meu amor.
As mandrágoras exalam perfume, e às nossas portas há toda sorte e excelentes frutos, novos e velhos; eu os guardarei para ti, ó meu amado.

(Bíblia, 2017, Ct 7, 1-13)

No referido *corpus*, observa-se a presença de recursos de repetição e paralelismo que contribuem para a construção poética do discurso amoroso. Entre esses elementos, destaca-se a frequência de imagens relacionadas ao corpo feminino, como no trecho: “Quão formosos são os teus pés nas sandálias [...] / Os contornos das tuas coxas são como joias [...] / O teu umbigo como uma taça [...] / o teu ventre como montão de trigo [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 1-2). A

recorrência dessas comparações amplia a valorização da mulher ao longo do poema e reforça o caráter simbólico da linguagem utilizada. Além disso, a alternância entre as vozes masculina e feminina evidencia uma construção dialógica da relação amorosa. Enquanto o discurso masculino apresenta descrições mais sensoriais do corpo da amada, a voz feminina se manifesta de forma afetiva e participativa. Dessa maneira, o texto estabelece uma dinâmica em que ambos os sujeitos ocupam posições ativas na experiência amorosa narrada pelo poema.

No plano simbólico, a tradição cristã interpreta o diálogo amoroso do *Cântico dos Cânticos* como representação da relação entre Cristo e a Igreja. Nessa perspectiva, a esposa simboliza o povo fiel que busca reconciliação e proximidade com o amado. Essa leitura contribuiu para ampliar o significado da obra para além da dimensão afetiva, incorporando interpretações espirituais ao texto poético. Ainda assim, o poema preserva elementos ligados à experiência humana do amor, especialmente na valorização da mulher enquanto figura central da narrativa. A presença feminina aparece associada ao desejo, à busca e à reciprocidade, aspectos que estruturam o desenvolvimento do cântico. Assim, o texto articula simultaneamente sentidos amorosos e simbólicos, mantendo a figura feminina como elemento central da construção poética.

No trecho “Quão formosos são os teus pés nas sandálias, ó filha de príncipe! / Os contornos das tuas coxas são como joias, obra das mãos de artista” (Bíblia, 2017, Ct 7, 1), o eu lírico manifesta admiração pela aparência da amada por meio de comparações simbólicas. Cirlot (2001), em seu *Dicionário de Símbolos*, afirma que as sandálias, no Egito Antigo, estavam associadas à ideia de vida e percurso. Nesse contexto, a imagem da mulher usando sandálias pode ser relacionada à ideia de movimento e caminhada. Já a comparação das coxas com joias aproxima o corpo feminino de objetos considerados valiosos e artisticamente elaborados. Segundo Ferreira (1999), joias são adornos produzidos com materiais de alto valor e utilizados como elementos decorativos. Dessa forma, o texto constrói uma representação da mulher vinculada à valorização estética e à apreciação simbólica do corpo feminino.

Na sequência do poema, o corpo da mulher continua sendo descrito por meio de imagens relacionadas a elementos do cotidiano e da natureza. No verso “O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 2), o umbigo é associado à taça, objeto historicamente relacionado a celebrações e festividades. A comparação sugere uma imagem ligada ao prazer e à abundância, reforçando a dimensão sensorial presente no poema. Em seguida, o texto afirma que o ventre da amada é “como montão de trigo, cercado de lírios” (Ct 7, 2). O trigo, utilizado como principal alimento em diversas civilizações antigas, aparece associado à fertilidade e ao sustento. Conforme Jacob (2003), o cereal adquiriu importância

social desde as civilizações egípcias antigas, tornando-se elemento fundamental na alimentação de diferentes povos. Assim, a metáfora aproxima a figura feminina da ideia de geração, abundância e vitalidade.

No verso “[...] os teus seios são como dois gêmeos da gazela [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 3), o texto utiliza elementos da natureza para descrever o corpo feminino. A imagem dos “gêmeos da gazela” sugere equilíbrio e harmonia entre as partes comparadas, além de remeter à delicadeza frequentemente associada ao animal. Ao longo do *Cântico dos Cânticos*, as referências à natureza aparecem como recurso recorrente para construir a representação da mulher e da experiência amorosa. Nesse contexto, o corpo feminino é apresentado como espaço de beleza, desejo e reciprocidade afetiva. A mulher, portanto, não ocupa apenas a posição de objeto contemplado, mas participa ativamente da construção do discurso amoroso. Assim, a linguagem poética contribui para atribuir centralidade à figura feminina dentro da narrativa do poema.

No fragmento “O teu pescoço é como a torre de marfim; os teus olhos como as piscinas de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim; o teu nariz é como torre do Líbano, que olha para Damasco [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 4), o poeta utiliza imagens arquitetônicas para descrever características da amada. Segundo Cirlot (2001), o marfim era um material valorizado no Oriente Antigo devido à sua durabilidade e raridade. A associação entre o pescoço da mulher e a torre de marfim sugere firmeza e valor simbólico. Já as referências às piscinas de Hesbom e às torres do Líbano aproximam o corpo feminino de elementos arquitetônicos conhecidos pela imponência e pela beleza. Essas comparações reforçam a dimensão estética da descrição da mulher e evidenciam o uso recorrente de símbolos culturais no poema. Desse modo, o texto relaciona o corpo feminino a imagens de valor, estabilidade e contemplação.

Chevalier e Gheerbrant (2015) observam que as torres frequentemente simbolizam vigilância, elevação e observação. Nesse sentido, a comparação entre o pescoço da amada e uma torre pode ser interpretada como referência à postura e à imponência da figura feminina. De forma semelhante, os olhos comparados às piscinas de Hesbom remetem à ideia de serenidade e profundidade. Conforme informações apresentadas pelo site *Arqueologia do Antigo Oriente* (Marianno, 2012), Hesbom era uma cidade conhecida por suas águas e jardins, aspecto que reforça a associação entre o olhar da amada e imagens de clareza e tranquilidade. Assim, o poema utiliza referências geográficas e arquitetônicas para construir a descrição poética da mulher. Essas imagens ampliam a dimensão simbólica do texto e reforçam a valorização estética presente ao longo do cântico.

No trecho “[...] o teu nariz é como a torre do Líbano, que olha para Damasco [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 4), o poeta continua utilizando comparações ligadas à arquitetura e à paisagem. A imagem da torre sugere proporção e destaque, enquanto a referência ao Líbano e a Damasco associa a descrição feminina a espaços reconhecidos historicamente por sua relevância cultural e comercial. Segundo Hanna (2025), o Líbano é conhecido por suas construções e por sua herança arquitetônica, enquanto Pinto (2013) destaca Damasco como importante centro urbano ligado às rotas caravaneiras antigas. Dessa maneira, a comparação amplia o caráter simbólico da descrição da amada. O corpo feminino é relacionado a imagens de valor cultural e visual, reforçando a admiração expressa pelo eu lírico. Assim, o poema estabelece conexões entre a figura feminina e elementos considerados grandiosos e socialmente valorizados.

No verso “A tua cabeça sobre ti é como o monte de Carmelo, e os cabelos da tua cabeça como a púrpura; o rei está preso pelas tuas tranças [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 5), a descrição da mulher continua associada a referências naturais e materiais de valor simbólico. Conforme McHenry (2025), o monte Carmelo era conhecido por sua vegetação e por sua posição elevada na paisagem israelita. A comparação da cabeça da amada com o monte sugere destaque e imponência visual. Já a púrpura, segundo a *Revista Galileu* (2025), era um pigmento associado à nobreza devido à complexidade de sua produção no mundo antigo. Dessa forma, a imagem dos cabelos como púrpura reforça ideias de distinção e valor. Além disso, a afirmação de que o rei está “preso pelas tuas tranças” sugere o envolvimento afetivo e o poder de atração exercido pela mulher sobre o amado.

Nos versos “Quão formosa, e quão aprazível és, ó amor em delícias! / Essa tua estatura é semelhante à palmeira, e os teus peitos aos cachos de uvas [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 6-7), o poema aproxima novamente o corpo feminino de elementos da natureza. A palmeira sugere altura e elegância, enquanto os cachos de uvas remetem à fertilidade e ao vinho, elemento recorrente nas culturas antigas. Em seguida, o texto afirma: “Disse eu: Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 8), indicando o desejo de aproximação entre os amantes. As imagens utilizadas reforçam a dimensão sensorial do poema e evidenciam a reciprocidade presente na relação amorosa. Dessa forma, o texto associa o amor à natureza, ao crescimento e à abundância. O corpo feminino, nesse contexto, permanece como elemento central da experiência poética descrita no cântico.

No trecho “O cheiro do teu fôlego como os das maçãs [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 8), a linguagem poética enfatiza a dimensão sensorial da relação entre os amantes. O “fôlego” remete à proximidade física, enquanto a comparação com o aroma das maçãs associa a presença

da amada a sensações agradáveis e naturais. A mulher é descrita não apenas por sua aparência física, mas também pelos efeitos que provoca no amado. Essa construção reforça a valorização da presença feminina dentro da experiência amorosa retratada no poema. Além disso, o uso de referências ligadas à natureza amplia o caráter simbólico do texto e contribui para a associação entre amor, fertilidade e prazer. Assim, o poema mantém a mulher em posição central na construção das imagens afetivas e sensoriais.

No excerto “[...] e os teus beijos como o bom vinho para o meu amado, que se bebe suavemente, e se escoa pelos lábios e dentes [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 9), observa-se uma mudança na voz poética, marcada pela participação da mulher no discurso amoroso. A personagem feminina passa a descrever os efeitos de seus próprios beijos sobre o amado, demonstrando consciência de sua presença e de sua influência na relação. O vinho, frequentemente associado ao prazer e à celebração, aparece como metáfora para a intensidade da experiência afetiva compartilhada pelo casal. Nesse sentido, a voz feminina assume posição ativa dentro do poema, expressando desejo e reciprocidade. Esse aspecto reforça a singularidade da representação feminina no *Cântico dos Cânticos*. Assim, a mulher não apenas é descrita pelo amado, mas também participa diretamente da construção do discurso poético.

No fragmento “Eu sou do meu amado, e o seu amor é por mim / Vem, ó amado meu, saiamos do campo, passemos as noites nas aldeias [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 10-11), a mulher reafirma a reciprocidade da relação amorosa e demonstra iniciativa ao convidar o amado para compartilhar momentos juntos. O trecho evidencia uma relação construída pela troca afetiva entre ambos os sujeitos do poema. A voz feminina aparece associada à autonomia e à participação ativa na condução da experiência amorosa. Esse aspecto diferencia o *Cântico dos Cânticos* de outras produções antigas em que a mulher ocupa papel predominantemente passivo. Além disso, o convite para sair ao campo aproxima o amor da natureza e da convivência compartilhada. Dessa forma, o poema reforça a ideia de reciprocidade como elemento central da relação entre os amantes.

No excerto “Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas / vejamos se florescem as vides / se estão abertas as suas flores / e se as romanzeiras já estão em flor / ali te darei o meu amor [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 12), a natureza aparece como espaço simbólico da renovação do amor. O florescimento das plantas acompanha o desenvolvimento da relação entre os amantes, estabelecendo uma associação entre os ciclos naturais e os sentimentos expressos no poema. A mulher, nesse contexto, conduz o encontro amoroso e escolhe o ambiente em que deseja demonstrar seu afeto. As imagens das vinhas, flores e romãzeiras reforçam ideias de fertilidade, crescimento e vitalidade. Assim, o texto utiliza elementos naturais para representar o

fortalecimento da relação amorosa. Dessa maneira, a experiência afetiva é apresentada em diálogo constante com a natureza e seus processos de renovação.

Na passagem “As mandrágoras exalam perfume, e às nossas portas há toda sorte e excelentes frutos, novos e velhos; eu os guardarei para ti, ó meu amado [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 13), as mandrágoras aparecem associadas ao desejo e à fertilidade. A referência a frutos “novos e velhos” sugere abundância e continuidade da experiência amorosa compartilhada pelo casal. Posteriormente, a influência simbólica das mandrágoras também pode ser observada em outras tradições literárias, como na peça *Antônio e Cleópatra* (1607), de William Shakespeare, em que a planta é relacionada à ausência e ao desejo de reencontro. Dessa forma, percebe-se que determinados símbolos presentes no *Cântico dos Cânticos* continuaram sendo retomados por autores posteriores. O uso dessas imagens amplia o caráter simbólico do poema e reforça sua permanência na tradição literária ocidental:

Cleópatra – Ah! Quero beber Mandrágora.
 Charmian – Mandrágora, senhora? Para que?
 Cleópatra – Para que eu possa passar dormindo toda a grande brecha de tempo em que está ausente o meu Antônio! (Shakespeare, 2000, p. 36).

Segundo informações da *U.S. Forest Service* (2025), as mandrágoras eram consideradas plantas importantes nas regiões do Mediterrâneo e aparecem mencionadas em registros do Oriente Médio desde o século XIV a.C. Durante a Idade Média, a planta foi associada à medicina popular, especialmente em tratamentos ligados à infertilidade e à insônia. Essa permanência histórica contribui para compreender por que a mandrágora continuou sendo retomada em diferentes produções literárias ao longo do tempo, incluindo obras de William Shakespeare. Além disso, Dutra (2011, p. 16) afirma que “as mandrágoras são plantas que causam efeitos eróticos cujas raízes bifurcadas [...] têm semelhanças com o corpo humano”. Dessa forma, a planta assume, no imaginário cultural e literário, um valor simbólico relacionado ao desejo, à fertilidade e à vitalidade humana.

No trecho “[...] às nossas portas há toda sorte e excelentes frutos, novos e velhos / eu os guardarei para ti, ó meu amado [...]” (Bíblia, 2017, Ct 7, 13), a voz poética feminina associa a relação amorosa à ideia de abundância e continuidade. Os “frutos novos e velhos” podem ser interpretados como metáforas que remetem tanto às experiências compartilhadas quanto às expectativas construídas pelo casal. Nesse sentido, o amor apresentado no poema não se restringe ao momento imediato, mas envolve permanência e entrega mútua. A mulher demonstra disposição para compartilhar plenamente sua experiência afetiva com o amado,

articulando passado, presente e futuro dentro da relação. Assim, o poema constrói uma representação do amor vinculada à reciprocidade e ao compromisso entre os sujeitos envolvidos. A presença da voz feminina reforça, ainda, sua participação ativa na construção desse vínculo amoroso.

As metáforas empregadas ao longo do texto contribuem para a valorização da figura feminina e para a construção da dimensão poética do cântico. Comparações como “a coxa como joias”, “o umbigo como taça” e “o ventre como montão de trigo” evidenciam a associação do corpo feminino a imagens de valor, fertilidade e abundância. O discurso masculino apresenta forte caráter contemplativo, concentrando-se na observação detalhada da aparência da amada. Em contrapartida, a voz feminina expressa o amor por meio de convites, declarações e demonstrações de reciprocidade afetiva. Essa diferença entre as vozes poéticas contribui para construir personalidades distintas dentro da narrativa amorosa. Enquanto o homem enfatiza o desejo e a admiração física, a mulher manifesta participação ativa e envolvimento emocional na relação. Assim, o poema estabelece um equilíbrio entre desejo, afetividade e reciprocidade.

A relação construída entre homem e mulher no *Cântico dos Cânticos* é marcada pela valorização mútua e pela participação de ambos os sujeitos na experiência amorosa. As imagens poéticas presentes no texto reforçam a dimensão sensorial e simbólica da relação, articulando elementos da natureza, do corpo e do cotidiano. Nesse contexto, a mulher ocupa posição central dentro do discurso poético, não apenas como figura admirada, mas também como sujeito que fala, deseja e conduz parte das ações narradas no poema. O lirismo presente nos versos contribui para ampliar a representação da mulher para além da aparência física, incorporando aspectos ligados ao afeto e à reciprocidade. Dessa forma, o texto apresenta uma dinâmica amorosa construída pela interação entre as vozes masculina e feminina. Assim, a experiência amorosa retratada no poema se desenvolve por meio do diálogo e da participação compartilhada entre os amantes.

Percebe-se, portanto, que as formas de expressão amorosa presentes no poema se complementam ao mesmo tempo em que revelam características distintas de cada personagem. O discurso masculino enfatiza a contemplação da amada por meio de descrições detalhadas e imagens simbólicas relacionadas à beleza e ao desejo. Já a mulher aparece como personagem consciente da relação estabelecida, reconhecendo o amor recebido e participando ativamente da condução do vínculo afetivo. Ao convidar, propor encontros e declarar seus sentimentos, a voz feminina demonstra autonomia dentro da narrativa poética. Esse aspecto diferencia o *Cântico dos Cânticos* de outras produções antigas em que a mulher ocupa posição secundária ou passiva. Assim, o poema constrói uma representação da relação amorosa baseada na

reciprocidade, no reconhecimento mútuo e na participação compartilhada entre homem e mulher.

Por fim, a linguagem poética utilizada no texto desempenha papel fundamental na construção dos sentidos presentes na obra. As metáforas e imagens simbólicas não se limitam à descrição literal dos elementos apresentados, mas ampliam as possibilidades de interpretação do poema. A utilização de referências ligadas à natureza, ao corpo e aos objetos do cotidiano contribui para a criação de uma atmosfera marcada pela sensorialidade e pela experiência afetiva. Além disso, o texto articula elementos simbólicos que permitem leituras tanto no plano amoroso quanto no espiritual. Dessa maneira, a construção poética do *Cântico dos Cânticos* evidencia a capacidade da linguagem literária de produzir múltiplos significados. Assim, a obra permanece relevante por apresentar uma representação do amor associada à reciprocidade, ao simbolismo e à valorização da figura feminina.

Considerações finais

O capítulo 7 do *Cântico dos Cânticos*, atribuído ao rei Salomão, apresenta uma representação do amor humano centrada na valorização da figura feminina. No texto, a mulher participa ativamente do diálogo amoroso, demonstrando desejo, iniciativa e reciprocidade. O homem, por sua vez, aparece como admirador da mulher, estabelecendo uma relação marcada pela apreciação mútua. Essa configuração diferencia a obra de outros textos antigos produzidos em sociedades patriarcais, nos quais a mulher frequentemente ocupa uma posição secundária. Nesse sentido, a representação feminina presente no *Cântico dos Cânticos* evidencia uma dinâmica distinta daquela observada em diversas tradições literárias do mundo antigo. A obra, portanto, apresenta elementos que permitem discutir o protagonismo feminino dentro da literatura bíblica.

Em contraste com essa perspectiva, textos como o *Mahabharata* e o *Ramayana*, conforme destaca Banzoli (2023), refletem estruturas sociais marcadas pela submissão feminina e pela limitação da autonomia das mulheres. No *Mahabharata*, a mulher aparece subordinada ao homem e vinculada a deveres rígidos relacionados ao casamento e à obediência conjugal. Já no *Ramayana*, a personagem feminina é submetida a provas de fidelidade e posteriormente exilada devido a suspeitas sobre sua conduta (Valmiki, 2025). Esses episódios demonstram formas de controle social exercidas sobre a mulher e revelam padrões culturais baseados na desigualdade de gênero. Além disso, tais narrativas contribuíram historicamente

para consolidar representações femininas associadas ao silêncio, à submissão e ao sacrifício. Dessa forma, percebe-se que a literatura antiga frequentemente reproduzia valores patriarcais presentes nas sociedades em que essas obras foram produzidas.

Em oposição a essas representações, o *Cântico dos Cânticos* apresenta a mulher como sujeito ativo da experiência amorosa. Na obra, a personagem feminina expressa sentimentos, desejos e escolhas, ocupando um espaço de destaque dentro da narrativa poética. Salomão não apenas descreve a mulher, mas também atribui voz e participação à personagem feminina, permitindo que ela manifeste sua perspectiva ao longo do texto. A relação amorosa apresentada na obra é construída por meio da reciprocidade entre homem e mulher, aspecto que contribui para diferenciar o texto de outras produções antigas. Além disso, a valorização da mulher ocorre tanto em sua dimensão afetiva quanto em sua presença corporal e sensorial. Assim, o poema estabelece uma representação feminina menos associada à submissão e mais vinculada à participação ativa no vínculo amoroso.

Diante disso, a análise desenvolvida neste estudo indica que o *Cântico dos Cânticos* oferece uma representação feminina distinta em relação a muitas obras da Antiguidade. A mulher é apresentada como personagem capaz de agir, desejar e expressar seus sentimentos, ocupando posição relevante dentro da estrutura poética do texto. Diferentemente de narrativas que reforçam a submissão feminina, o poema salomônico atribui à mulher uma presença central na construção da experiência amorosa. Essa característica contribui para compreender a singularidade da obra dentro da tradição literária antiga. Desse modo, o *Cântico dos Cânticos* pode ser interpretado como um texto que amplia a visibilidade da voz feminina e propõe uma representação marcada pela participação e pela reciprocidade nas relações afetivas.

Referências

- AMORA, A. S. **Introdução a Teoria da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- ANDRADE, J. **Da Beleza à Poética**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BANZOLI, Lucas. **A História da Misoginia**. Curitiba: Clube de Autores, 2023.
- BERNABÉ-SÁNCHEZ, Estefanía; POZZER, Katia. Eu, Enheduanna. **Revista Enunciação**. Seropédica, 2023.
- BÍBLIA. Cântico dos Cânticos. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 677-681.
- BÍBLIA. Números. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 143-191.
- BÍBLIA. Primeiro Livro de Reis. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 360-396.

BÍBLIA. Provérbios. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 643- 668.

CAUCHIOLI, Bruno. Um Pouco sobre Taças e sua História. **Zahil**, São Paulo, 20 de março de 2020. Disponível em: <https://zahil.com.br/um-pouco-sobre-tacas-e-sua-historia/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionários de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015

CIRLOT, Juan Eduardo. **A Dictionary of Symbols**. 2. ed. Translated from the Spanish by Jack Sage. London: Routledge, 2001.

DUTRA, Débora Thomaz Cavalcante. **Cântico dos Cânticos de Salomão: Representação Poética do Idealismo Amoroso**. Paraíba: UEPB, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio do século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Misoginia, o mal do homem: postulados filosóficos e literários do mundo antigo e do seu legado medieval. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Paraná, 2013.

FURUTA, Arissa Michele Barbosa. RODRIGUES, Marlon Leal. Análise do Discurso dos Cânticos dos Cânticos de Salomão. Traços de Linguagem: **Revista de Estudos Linguísticos**, 2017.

GALILEU. Tecido Roxo Citado na Bíblia é Encontrado pela Primeira Vez em Israel. **Galileu**, São Paulo, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Arqueologia/noticia/2021/01/tecido-roxo-citado-na-biblia-e-encontrado-pela-primeira-vez-em-israel.html>. Acesso em: 13 maio 2025.

HANNA, Angela. Uma Visão Geral da Arquitetura Libanesa. **Rethinking the Future**. Disponível em: <https://www.re-thinkingthefuture.com/city-and-architecture/a5610-an-overview-of-lebanese-architecture/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

JACOB, Heinrich Eduard. **Seis Mil Anos de Pão: a Civilização Humana Através de seu Principal Alimento**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o Discurso Literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARIANNO, Lilia Dias. **Arqueologia do Antigo Oriente: Jordânia - Hesbom**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

MCHENRY, Henry. SkhūL: anthropological and archaeological site, Israel. **Britannica**, Chicago, 25 de agosto de 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Skhul>. Acesso em: 30 ago. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC PORTUGAL. O Primeiro Império: os Acadianos. **National Geographic Portugal**, Lisboa, 24 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/historia/o-primeiro-imperio-os-acadianos_2850. Acesso em: 13 maio 2025.

PAULA, Laura da Silveira. **Teoria da Literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

PINTO, Paulo Mendes et al. (org.). **Memórias de Damasco**. Lisboa: Clube de Filosofia Al-Mu'tamid; Universidade Lusófona, Comunidade Islâmica de Lisboa, 2013.

SHAKESPEARE, William. **Antônio e Cleópatra**. São Paulo: Edição Ridendo Castigat Mores, 2000.

SILVA, Ezequiel Camilo da. **O Rei Salomão: suas Virtudes, Mazelas e seu Legado**. São Paulo: Bubok Publishing S.L, 2015.

VALMIKI. **O Ramayana**. Tradução do Inglês de Hari Prasad Shastri por Eleonora Meier. Instituto Esfera, 2022. Disponível em: <https://www.institutoesfera.org/wp-content/uploads/2022/11/O-RAMAYANA-DE-VALMIKI.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

U.S FOREST SERVICE. The powerful Solanaceae: Mandrake. **U.S Forest Service**, Washington. Disponível em: https://www.fs.usda.gov/wildflowers/ethnobotany/Mind_and_Spirit/mandrake.shtml. Acesso em: 12 maio 2025.